



Fiat Lux

Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz

Mente Pura - Coração Nobre - Corpo São

ano 2018 nº 7 nov / dez



NATAL 2018



ÍNDICE

Editorial

Evolução maravilhosa	1
1. ASTROLOGIA: Escorpião e Sagitário	4
2. FILOSOFIA ROSACRUZ: Os Dez Mandamentos: uma interpretação esotérica (II) (continuação)	10
3. COLUNA DA BELEZA: Natal é festa, é nascimento!	16
4. HISTÓRIAS DO CAMINHO DA ROSA: Véspera de Natal na Floresta	18
5. ÉTICA PARA A ERA DE AQUÁRIO: “O meu filho não quer comer carne...”	27
6. ESPAÇO DE REFLEXÃO: Maternidade	30
7. AGENDA	37

Capa: Representação do Presépio – Igreja Oriental

Editorial

EVOLUÇÃO MARAVILHOSA

Quando numa Terra transfigurada,
Nasça uma nova Era Universal,
Toda a estrutura será mudada!
Oh! Milénio de Ouro e de Paz Mundial.

Naquela Hora muitos serão eleitos,
Fiéis Servos, Mulheres e Homens Puros:
E evoluindo em Mundos mais perfeitos;
Seres Luminosos vencerão os escuros.

Como a Vida será bela e querida,
Toda irradiando Luz e Amor,
Perfumada pela Branca Rosa-Flor,
Como sinal da morte vencida.

E em remoto Futuro, como Sóis,
Ponteiros do Relógio Universal,
No Cosmos, girando em espiral,
Seremos Guias, Sublimes Faróis.

D.C.

in LUSASALÉM – II

Caras Amigas e Amigos,

Abrimos este editorial com um poema lindíssimo, publicado na obra do nosso muito querido Irmão Delmar Domingos de Carvalho, “LUSASALÉM – II”. Trata-se de um romance histórico, sociológico e cosmológico sobre Dom Dinis e Isabel de Aragão, editado pelo MIL – Movimento Internacional Lusófono, em Setembro de 2018.

Este poema musicaliza com palavras o ideal de que a evolução a que todos aspiramos, é viável, mediante a transformação de cada um de nós a partir da Branca Rosa-Flor,

onde a Luz do Amor purificará a escuridão do egoísmo e cuja tónica, tal como deixada por Max Heindel, será o Serviço.

“Os Irmãos Maiores da Rosacruz e outras ordens afins, que representam na sua totalidade o Santo Graal, vivem do amor e da essência do serviço altruísta. Da mesma forma que as abelhas juntam o mel, eles recolhem e armazenam o bem e o serviço de todos os que se esforçam para viver a vida.” - Assim escreve Max Heindel sobre o valor do servir no tom amoroso que lhe é próprio no livro: “As Colectâneas de Um Místico”.

Foi nessa inspiração pelo servir que algumas Irmãs e Irmãos se juntaram ao núcleo algarvio do nosso Grupo de Estudos, com a finalidade de realizar a Conferência Pública, “As Escolas de Mistérios na Antiguidade e a Fraternidade Rosacruz”, realizada no dia 20 de Outubro de 2018, no Restaurante Vegan/Vegetariano “Outro Lado” em Faro.

Este momento ultrapassou as nossas expectativas. Muitas das pessoas presentes na conferência, juntaram-se a nós para uma refeição vegana muito saborosa e cheia de calor humano. As sementes foram plantadas e houve quem manifestasse a intenção de iniciar o Curso Preliminar de Filosofia Rosacruz, assim como quem apreciase o respeito e Amizade com que os membros do nosso Grupo se relacionam entre si.

A conferência, apresentada por duas Irmãs e dois Irmãos, foi dividida em três partes que abordaram os temas: das Escolas de Mistérios da Antiguidade à Fraternidade Rosacruz, o Conceito Rosacruz do Cosmos e Fraternidade Rosacruz (The Rosicrucian Fellowship).

A música esteve presente com a flauta transversal e a guitarra dedilhada dos nossos Irmãos do Duo Em Sol Maior que expressaram o seu enamoramento pelo Grupo de Estudos, desde a sua primeira colaboração, aquando da conferência “Max Heindel – Vida e Obra”, em 23 de Julho de 2017.

O Restaurante Vegan/Vegetariano “Outro Lado” recebeu-nos com imenso carinho, tendo ficado em aberto a possibilidade de eventos futuros. Nesta atmosfera, perspectivou-se um regresso ao Algarve com a apresentação de um evento público alusivo ao Natal no sábado, dia 08 de Dezembro de 2018, pelas 16h, novamente no “Outro Lado”.

Podemos dizer que o dia 20 de Outubro de 2018 marca uma nova etapa deste Grupo de Estudos que, além das atividades na Amadora, inicia o seu trabalho em Faro. No dia

seguinte, também em Faro, celebrámos um Serviço Devocional onde vibrou o cântico do calor fraterno gerado por estes momentos inesquecíveis. A alegria foi imensa e o sal das lágrimas acariciou-nos o rosto de contentamento.

Por fim, agradecemos a todos a dedicação e Amor colocados na preparação e apresentação deste Serviço público realizado no Algarve, assim como a todos os Irmãos que, não estando presentes, nos sustentaram pelo Espírito do Amor. Um grupo unido pelos laços do Amor e da Amizade trabalha com as forças da atração e faculta o levar de uma mensagem amorosa e de esperança a todos os que procuram um sentido para a vida. Recordemos o lema dos muito simpáticos D`Artagnan, Athos, Porthos e Aramis, “Os Três Mosqueteiros” de Alexandre Dumas: “un pour tous, tous pour un / um por todos, todos por um”.

DESM

Queridas Irmãs e queridos Irmãos,

QUE AS ROSAS FLORESÇAM NA VOSSA CRUZI!

1. ASTROLOGIA

ESCORPIÃO

Meditação espiritual de Escorpião



Desde o início do Período Terrestre, a criativa Hierarquia de Escorpião tem dado à humanidade padrões das formas de pensamento cósmico. Por esses padrões, o homem tem aprendido a construir os seus corpos característicos. Por isso, os membros da Hierarquia de Escorpião são denominados Senhores da Forma. Rudolf Steiner diz que a mente cerebral do homem nada mais é que uma taça para se imergir nesses pensamentos arquetípicos.

Nos primeiros dias da evolução humana, os estudantes do Templo de Mistérios podiam contactar diretamente as Hierarquias Celestiais e observar o enorme serviço que elas estavam prestando à raça humana. Por esse motivo, a mensagem das estrelas foi incluída entre os estudos do Templo, e nenhum candidato tinha permissão para receber essas instruções sem uma longa e árdua preparação.

Transmutação é a palavra-chave dominante de Escorpião. Durante o período entre o Equinócio de setembro e o Solstício de dezembro, quando a força dourada de Cristo está penetrando mais profundamente nesta esfera, o Arcanjo Miguel, segundo apenas em glória e poder ao Próprio Cristo, encontra-se empenhado em limpar e transmutar o acúmulo dos desejos malignos do homem que pendem como uma escura nuvem de miasma sobre a Terra. Juntos, purificam e transmutam as formas de pensamentos negativos do homem que permeiam a atmosfera mental do planeta. Devido ao trabalho que executam, pensamentos e substância de desejo mais pura tornam-se disponíveis para o uso do homem na construção de corpos mental e astral mais fortes. Esses, por sua vez, penetram e fortalecem os seus veículos etéreo e físico.

Escorpião é o signo enigma do Zodíaco. Ele tem dois símbolos: um escorpião, que carrega o ferrão da morte na sua cauda, e uma águia que pode voar mais perto do Sol do que qualquer outra ave. Esses símbolos retratam dois aspectos amplamente divergentes deste signo. Sob a influência do escorpião, o homem pode descer às profundezas da degradação; sob a influência da águia, a sua natureza inferior é transmutada, podendo assim, subir a maiores alturas espirituais.

Outro aspeto do paradoxo de Escorpião são as influências da água e do fogo exercidas através deste signo de elementos opostos, pois Escorpião, um signo aquoso, é governado pelo ígneo planeta Marte. Esta é mais uma indicação das propriedades místicas de Escorpião e do papel que ele tem na regeneração que precede a iluminação. A última só pode ser realizada depois que os princípios água e fogo tiverem chegado a uma união harmoniosa.

Tal união foi demonstrada quando o ígneo Raio do Cristo arcangélico tomou posse do corpo do Mestre Jesus. Como um membro da raça humana, Jesus veio sob a Hierarquia de Peixes, estando assim sintonizado com o princípio da água. O que foi posteriormente realizado pelo Ser composto conhecido como Cristo Jesus foi a suprema demonstração do estado ideal, um certo grau de entendimento que toda a humanidade vai ter quando tiver aprendido a combinar os princípios do fogo e da água. Cristo ensinou esta verdade a Nicodemus quando Ele disse: “A menos que o homem nasça da água e do espírito, não poderá entrar no reino de Deus”, sendo o espírito o princípio do fogo.

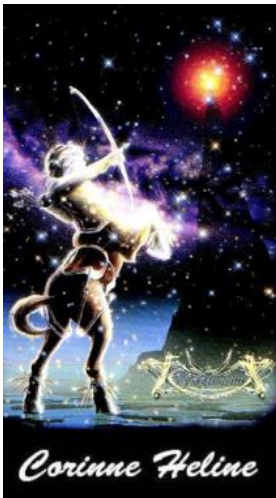
As condições externas nunca serão dominadas até que as forças interiores opostas e discordantes sejam harmonizadas. Uma vez tendo isso sido feito, o mistério amplamente oculto de Escorpião será revelado. Geração será transmutada em regeneração, de modo a não haver repetição das tragédias como as de Caim e Abel, e Salomão e Hiram Abiff. Os fatores que dividem essas correntes opostas da humanidade se terão rendido ao princípio que a todos une em harmonia. Em muitos mitos e lendas, tanto religiosos como profanos, este preceito está diferentemente mostrado. Mas, apenas através de um estudo da ciência espiritual das estrelas, pode o seu significado ser compreendido com segurança e clareza.

Os Antigos Egípcios, que eram muito versados nos profundos mistérios do conhecimento das estrelas, divulgaram nas pinturas ensinamentos sobre polaridade para que aqueles que não podiam apreendê-los como ciência pudessem deles ter conhecimento intuitivamente através de símbolos apropriados. O seu glifo para Escorpião era o de um esqueleto dentro de uma sepultura aberta atravessada por um arco-íris. Num horóscopo, Escorpião governa a oitava casa, a casa da morte. Mas a casa da morte é também a casa da regeneração. Nela são encontrados ambos o escorpião e a águia. Formas imperfeitas e impuras são levadas à morte. Isso é beneficentemente verdade porque nem tudo o que pertence a esse plano é digno de imortalidade. Só a essência da experiência mortal, agregada e incorporada à natureza superior do homem, assimilada, isto é, na sua alma, se torna imortal. É através do poder de Escorpião para realizar a regeneração que um espírito encarnado é capaz de utilizar as formas físicas e a morte inerente a elas como degraus para alcançar uma vida superior e renascer em veículos possuindo elementos de imortalidade.

Retornando ao esqueleto como um símbolo dos poderes de Escorpião, encontramos que ele também representa as obras da lei cármica. Nesse aspeto, apresenta-se como uma segadeira para ceifar a humanidade; em outras palavras, para remover as formas que são transitórias por natureza. Mas ele também revela que, enquanto a vida não tenha sido identificada com essas formas, não depende delas para a sua existência. Em relação às formas sendo ceifadas, surgem novas mãos, pés e braços, indicando a supremacia do espírito sobre a matéria e apontando para a lei cíclica do renascimento. O arco-íris que atravessa a sepultura é o símbolo da imortalidade. A esse respeito, apresenta-se ainda outra marca do aspeto regenerativo de Escorpião: a promessa de um tempo onde não mais existirão o sofrimento, a dor e a morte.

SAGITÁRIO

Meditação espiritual de Sagitário



Sagitário, assim como Escorpião, é de natureza dual. O seu símbolo pictórico é um centauro, metade cavalo, metade homem. O primeiro simboliza a natureza inferior do homem; o último, a sua natureza superior. O espírito imortal sempre aspira aos planos superiores a despeito de parecer o contrário. Por ora, a humanidade elegeu seguir o caminho da materialidade (Escorpião) em vez do caminho da espiritualidade (Virgem). Sagitário tem sido o signo da promessa, da esperança e da aspiração.

Basílio Valentim, um antigo Iniciado Rosa Cruz, ilustrou a história da Iniciação com uma série de quadros. Neles, Sagitário é representado por um número de lâmpadas sempre queimando, um hieróglifo que chama a humanidade a elevar-se além da materialidade e obter união com a Divindade para que possa compartilhar do verdadeiro êxtase espiritual.

É interessante notar que quando o fogo espinal espiritual se eleva do nível da geração ao plano de regeneração, o ponto onde ele deixa o nível de geração é o plexo sacral localizado na base da espinha dorsal regida por Sagitário.

O signo de Sagitário é governado por Júpiter, planeta da benevolência e expansão. Ele aponta o caminho para o nascimento do Cristo Cósmico que ocorre anualmente na Noite Santa, quando o Sol deixa Sagitário para entrar no primeiro decanato de Capricórnio.

O símbolo pictórico de Sagitário mostra que a metade humana do Centauro aponta uma seta para as estrelas. Esse pictograma acha-se modificado numa representação do Cupido, deus do amor, mostrado originalmente com a sua seta apontada para a glândula pineal em vez de para o coração. Mais tarde, como o homem perdeu consciência do seu objetivo espiritual elevado, e os afectos centravam-se no pessoal mais do que no princípio, o dardo do cupido foi redirecionado para o coração em vez do centro espiritual localizado na cabeça.

Sagitário correlaciona-se com a letra Vau Hebraica, significando Sol ou olho. Essa letra representa brancura e brilho, a luz espiritual de Génesis e Revelação. É a luz que brilha nas trevas, mas as trevas não prevaleceram contra ela. O símbolo do Tarô para Vau é um homem de pé entre duas mulheres. Uma delas está coroada com ouro do espírito e a outra com a vinha, símbolo do falso espírito. O fruto da vinha estimula o corpo do homem a um êxtase, mas o seu impulso por uma tal experiência é a sua resposta equivocada da personalidade ao chamamento de seu ego. Thomas De Quincy tornou isso claro em seu “Confessions of an Opium Eater”, a separação da mente da personalidade e a sua ligação com a espiritualidade é o estímulo de Sagitário; e esse é o propósito e o fim da Grande Obra. A Maçonaria Moderna adotou esse símbolo para reproduzir a mesma ideia.

Daí poder-se ver que a mensagem das estrelas revela o caminho da evolução para toda a humanidade. Para a massa semi-adormecida, o Caminho dá voltas e mais voltas em torno da montanha do objetivo; mas para as almas despertas há um caminho curto, estreito e direto que leva ao cume.

Sagitário rege a mente superior do homem, a mente capaz de raciocínio abstrato. A nota-chave bíblica é encontrada na admoestação de Paulo: “Deixe a sua mente estar com você, a qual está também em Cristo Jesus”.

Na mitologia grega, a virgem Ariadne leva Teseu para fora do labirinto por meio de um fio. Tanto a virgem quanto o seu fio perderam-se para o homem moderno, mas a intuição superior de Sagitário os substituiu, pois a intuição espiritual (o fio) é, de facto, a essência da razão. Quando, havendo percorrido o circuito do Zodíaco, um espírito libertado retorna ao ponto de partida, onde encontra a Virgem dos Céus esperando-o como Ariadne esperou Teseu segundo o antigo mito.

(Corinne Heline, Interpretação da bíblia da Nova Era)

Solstício de dezembro

Os solstícios marcam o momento em que a vibração terrestre é mais elevada, e em que os Raios Cósmicos da Vida Crística estão a entrar profundamente (Solstício de Inverno) ou a sair definitivamente (Solstício de Verão).

(Corinne Heline, *New Age Bible Interpretation*, vol. V, 5th ed. revised, New Age Press, 1984., pp. 87-88).

Esta tradição esotérica é confirmada pelos antigos rituais dos Mistérios pagãos, que os Novos Mistérios Cristãos vieram substituir e elevar a um maior grau vibratório. Os historiadores costumam invocar um velho almanaque romano chamado Cronógrafo, do ano 354 d. C., da autoria de Philocalus (autor incerto), também conhecido como Calendário Philocaliano, e que cita o ano 336 como o primeiro em que a Igreja festejou a celebração do Natal em 25 de dezembro.

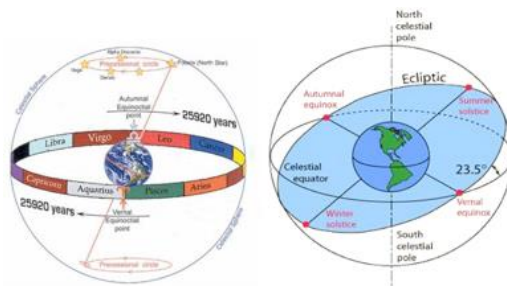
Na Igreja arménia, o dia 25 de dezembro nunca foi aceite para a data do Natal, mantendo-se a antiga tradição Iniciática de celebrar o dia 6 de janeiro (Dia de Reis), considerado o «12.º dia sagrado» da tradição mística cristã. De acordo com a autora rosacruciana Corinne Heline, o período de 12 dias que decorre após a festividade solsticial do Natal, entre o dia 26 de dezembro e o dia 6 de janeiro é um período de profundo significado esotérico e constitui o «coração espiritual» do ano que vai seguir-se: é o lugar-tempo mais sagrado de cada ano que entra, designa-se por «Os Doze Dias Sagrados» e está sob a influência direta das Doze Hierarquias Zodiacais, que projetam sobre o planeta Terra, sucessivamente e durante cada um desses 12 dias, um modelo de perfeição tal como o mundo será quando a obra conjugada das Doze Hierarquias por fim se completar (Corinne Heline, *New Age Bible Interpretation*, vol. VII: «Mystery of the Christos», 6h printing., New Age Press, 1988., pp. 8-19).

Segundo alguns historiadores, estaria na associação de Cristo com o «Sol de Justiça» a escolha do Solstício de Inverno para celebrar o «nascimento do Sol invencível», Natalis Solis Invicti, um ritual pagão (Saturnalia) que festejava, com ritos de alegria e troca de prendas, desde o dia 17 de dezembro e até ao dia 25, o momento em que o Sol «cresce», ou renasce, após o dia ter atingido a sua duração mais curta (21-22 de dezembro). Com efeito, nessa data, o Sol atinge a sua declinação-Sul máxima, cerca de 23º 26', estacionando nela durante três dias e retomando o «caminho do Norte» a partir do dia 24 ou 25.

A data de 25 de dezembro era igualmente a data do nascimento do deus Mithra, dos Mistérios Iranianos. Mithra era designado por «Sol de Justiça» — ou melhor. «Sol de Justeza» —, provavelmente por alguma influência do antigo Egípto. Reza uma antiga lenda que Moisés foi instruído e iniciado na grande Escola de Mistérios de Heliópolis, a cidade sagrada perto de Mênfis a que os Egípcios chamavam On ou Annu. Não surpreende, portanto, que o símbolo solar de Râ, o Esplendor Alado, se tenha mantido na tradição hebraica e nas áreas afins do Médio Oriente, como nos testemunha o profeta Malaquias, ao afirmar que «o Sol de Justeza se erguerá com a salvação nas suas asas [ou: nos seus raios]» (Malaquias 3, 20 [4, 2])

Assim, o percurso solar ao longo do ano marca os «passos iniciáticos» do percurso de Cristo e, ao mesmo tempo, marca os pontos fulcrais da liturgia ao longo do ano, em referência às «provas» cíclicas por que todo o ser humano tem de passar na sua via evolutiva.

Quando o Sol em 21 de dezembro entra em Capricórnio (signo regido por Saturno, daí os Saturnalia), os poderes das trevas de certo modo tomam conta do «Dador da Vida», mas dá-se o renascimento após os três dias de «paragem» (sol-stitium = sol + sistere, sustener, parar), ou seja, o dia 25 marca o termo do «ciclo solsticial». A partir do dia 26 de dezembro inicia-se um segundo ciclo de especial significado iniciático: entre o dia 26 de dezembro (1.º Dia Sagrado) e o dia 6 de janeiro (12.º Dia Sagrado) ocorria a preparação ritual dos catecúmenos que eram baptizados no Dia de Reis (Primeira Iniciação). Estes «Doze Dias Sagrados», que acompanham a fase inicial do renascimento do «Sol Invencível», eram como que um resumo do ano zodiacal seguinte, e, tal como já se referiu, estavam sob a protecção das Hierarquias Celestes que tradicionalmente regem os 12 Signos do Zodíaco.



Extraído da obra de António Macedo, Os Solstícios e os Equinócios

2. FILOSOFIA ROSACRUZ

OS DEZ MANDAMENTOS INTERPRETAÇÃO ESOTÉRICA (continuação) III – O Segundo Mandamento

“Não farás para ti imagem de escultura nem alguma semelhança do que tenho criado. Não te encurvarás a elas nem as servirás.”

Os protestantes acusam ferozmente os católicos por usarem imagens e esculturas nos seus templos; algumas, por sinal, maravilhosas, verdadeiras obras-primas concebidas por artistas notáveis como Rafael, Miguel Ângelo, Rubens, etc.

A nosso ver, não reside aí a mensagem principal deste mandamento. A pedagogia e a psicologia educacional afirmam que “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Modernamente exploram as ilustrações e com elas enriquecem os planos de aula, a fim de que o aprendizado se torne mais completo: áudio-visual.

A nossa mente ainda está num estágio mineral. Só as pessoas mais elevadas podem conceber ideias abstratas e atingir outra esfera ou cosmos da verdade essencial das coisas. Daí a necessidade dos símbolos, desde que bem escolhidos. O mal não está nos símbolos, mas no tomar os símbolos pela realidade que transmitem. Se conhecemos a essência de uma verdade e, no esforço de transmiti-la, buscamos as representações mais fiéis, estamos a prestar uma ajuda a outros menos aquinhoados.

Quando o iniciado atinge o conhecimento direto das realidades espirituais, nos planos suprafísicos, verifica a dificuldade em transmiti-las. Max Heindel, por exemplo, observa: “Quando falo dos mundos em que o Universo se divide e os represento num diagrama, uns acima dos outros, não quero dizer que se achem assim nos planos espirituais. Em verdade eles compenetraram-se em diferentes graus de densidade e vibração”. E deu o exemplo da esponja, da água e da areia. Depois acrescenta: “Os diagramas podem ser uma ajuda e um entrave ao mesmo tempo, porque involuntariamente podemos induzir uma ideia falsa da realidade.”

Isto leva-nos à meditação das palavras. Vivemos num universo de palavras e, neste século de comunicação, entendemo-nos através de palavras e de símbolos. Já pensou no que representam estas palavras? Já observou como os homens discutem e pelejam em torno de palavras? Às vezes discutem por usarem palavras diferentes para a mesma coisa; outras vezes divergem pela mesma palavra com a qual pensam em coisas diferentes. Ora, as palavras não são as coisas: constituem apenas um esforço de representação e devemos ter muito cuidado com elas, porque podem ser

uma ajuda e um entrave na comunicação. Melhor ainda, as palavras são a nossa interpretação das coisas e não as coisas mesmas. Tanto é assim que, à medida que a nossa compreensão vai melhorando, a nossa representação por palavras também muda. A evolução, em tudo, é uma gradativa transformação das definições anteriores.

No futuro Período de Júpiter será diferente. A mentira será impossível, pois teremos a capacidade de materializar a ideia na nossa aura mental, sem a necessidade de palavras. Os Mestres espirituais possuem por conquista antecipada, da sua evolução, esta capacidade: projetam com as palavras a imagem do que falam. Essa capacidade é uma das provas de um verdadeiro Mestre.

Já que entramos na meditação sobre as palavras, consideremos outro ponto: a “onda portadora”. Além das palavras que pronunciamos, comunicamos à outra pessoa algo mais: a intenção, como uma “onda portadora” que muitas vezes o interlocutor capta. E, como vivemos num mundo hipócrita, é comum que a pessoa diga uma coisa e pense outra. Ouvimos as palavras e sentimos uma indefinível divergência, uma estranha incoerência. Além disso, notamos sinais externos confirmadores da hipocrisia, na mudança do tom de voz, no evitar o nosso olhar, etc.

Mas que relação tem tudo isto com o segundo mandamento?

É que este mandamento trata da idolatria, em muitos sentidos. De maneira geral, sabemos que a idolatria consiste em tomar uma forma, ao invés da realidade que ela representa. Trata-se de considerar a letra e não a ideia essencial que ela procura expressar, é tomar o corpo pelo homem integral, como fazem os materialistas.

O facto dos nossos sentidos estarem limitados à forma, não justifica a nossa ignorância das verdades essenciais, numa época de tão rica literatura e respeito. A evidência lógica tem levado eminentes cientistas a reverenciar o Divino Arquitecto, cuja Presença é indiscutível, em toda a Criação. Anteriormente as Sociedades de Pesquisas Psíquicas, agora a Parapsicologia, demonstram à sociedade revelações confirmadas por meios científicos, de realidades além da capacidade sensorial.

Na Suécia e na Alemanha, principalmente, se estabelecem ligações com os planos espirituais com auxílio de aparelhos electrónicos sensíveis. Hoje não é mais uma questão de crença, mas de actualização, o conhecimento dos planos espirituais, causais, que sustentam este plano visível.

Mas, se não temos possibilidades de conhecer a última realidade das coisas, somos todos idólatras?! Não. Este mandamento não refere ao esforço louvável de procurarmos entender as verdades divinas, embora estejamos sempre aquém delas. Não há como evitá-lo no desenvolvimento da consciência. Tudo evolui assim. A ciência foi deixando os conceitos ultrapassados, com a sua verdade relativa, substituindo-os por outros mais correctos e actualizados. Mas foram as verdades

relativas que serviram de degraus nesta escala evolutiva de aprimoramento. Isto acontece em todos os assuntos, se bem que nas questões espirituais temos o testemunho avançado de altos Iniciados que podem ver as realidades supra físicas com muita amplitude. Esse testemunho serve de orientação segura, não excluindo, no entanto, o esforço de cada Aspirante e a liberdade de cada um ir confirmando o que recebeu.

Várias teologias e doutrinas andaram antropomorfizando Deus. Na impossibilidade de subir a Ele, forçaram-no a descer à sua limitada concepção. Isto é idolatria.

Cristo ensinou à mulher samaritana: “Deus é Espírito e Verdade e cumpre adorá-lo em Espírito e Verdade. O espírito é intangível. E o que é a verdade? Cristo respondeu a Pilatos? Não. Porque todos estamos limitados no nosso nível de evolução e não podemos admitir a Realidade total e absoluta.

Idolatria é o pecado do materialismo, que se manifesta pela Essência que a vivifica. Por isso, o primeiro passo no Ocultismo é o estudo dos Mundos Invisíveis.

Querem um exemplo simples para destacar o corpo do Homem?

Observem uma pessoa enquanto dorme: ela não pensa, não vê, não age, não ama, não tem consciência de si, nem dos outros; apenas possui as funções vitais, involuntárias, mantém o corpo que respira, digere, faz circular o sangue ritmicamente, etc.. Depois ela acorda, abre os olhos e algo estranho ocorre: fica consciente de si, vê-nos, reconhece-nos, abraça-nos, ama-nos, fala-nos. Que aconteceu? ALGO, que não estava no corpo enquanto dormia, voltou e a despertou, dando-lhe todas as capacidades que antes não manifestava. Esse algo é o homem REAL que anima o corpo que construiu. Tanto assim é que, ao abandoná-lo definitivamente, há decomposição do corpo.

O Espírito é a causa, a matéria é a consequência. Primeiro existiu a luz, depois a luz criou o olho que a pudesse ver. O poder está no Espírito criador e sustentador da forma e não nesta. O galho que se destaca da árvore, seca. A matéria é mutável e transitória. Já o Espírito é eterno, manifestando-se gradativamente melhor, à medida do crescimento da consciência (alma) e originalmente, segundo os seus pendores epigenéticos.

Assim, não devemos adorar, nem temer, nem odiar o que seja externo, nenhuma forma.

Vemos uma cobra e associamo-la à ideia de perigo, sentimos repulsa e violência, vamos matá-la. Podemos vê-la como ela é, sem preconceitos, com toda a sua beleza e respeitando-lhe o instinto de defesa?

Vemos a figura de Sócrates e a imagem suscita-nos, no íntimo, tudo o que dele sabemos. Vêm-nos sentimentos de admiração, de reverência, de gratidão. Podemos vê-lo como ele é, apenas gratos pela mensagem que ele trouxe e não pela pessoa em

si? O mesmo devemos sentir em relação a Jesus, a Buda, a Einstein: não o canal, mas a Essência que através deles fluiu de forma diferente, para alimentar a Humanidade. É a essência que valoriza a forma e não a forma que valoriza a essência. “A letra mata, mas o Espírito vivifica”. Devemos ir além da forma limitadora e sentir a amplitude da Essência Universal.

A infinidade de Deus está oculta em todas as coisas criadas, mas os nossos sentidos não a percebem. As realidades objetivas tornam-se realidades subjectivas, por causa do conceito finito que temos delas. Estamos condicionados pelos preconceitos e pelo nosso nível de consciência. A melhor atitude mental é admitir todas as coisas como possíveis. Embora firmados no sentir e saber internos, mantenhamos a humilde atitude da nossa limitação.

O 1º e 2º mandamentos abordam, pois, a única realidade, o único poder essencial. Mas o primeiro mandamento adverte-nos a não nos apoiarmos nas realidades evanescentes deste mundo, a não dependermos delas, não temê-las nem odiá-las. O único valor ou poder que elas têm são os que nós mesmos lhes atribuímos pelas nossas crenças.

Já o segundo mandamento refere-se especificamente às representações e aos seus perigos, para que não nos detenhamos nelas, mas busquemos a essência que desejam comunicar, como diziam os autores do Thorah – o livro sagrado: “Ai daquele que toma as vestes do Thorah pelo próprio Thorah! Os mais simples só notam os ornamentos e versos do Thorah, mas os esclarecidos não prestam atenção alguma ao exterior, senão à essência que ele encerra”.

IV– O Terceiro Mandamento

"Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão".

Cristo confirmou no "Pai-Nosso" ou "Oração do Senhor" este mandamento, de forma positiva, ao ensinar: "santificado seja o teu Nome".

Para o povo hebreu, o "nome" (shem) tinha um significado mais amplo e profundo do que aquele que lhe atribuímos hoje, para identificar uma pessoa ou coisa. Embora se fale de "bom nome", referindo-nos à reputação ou carácter de uma pessoa, a palavra "shem" dá a entender a natureza, a essência ou a honra do indivíduo.

A locução "em vão" significa, basicamente, "de forma inútil" ou "por nada, por vaidade, por falsidade, por leviandade".

"Tomar" era usado no sentido de "levar, carregar, proferir ou aceitar".

Assim, o "proferir ou aceitar o nome ou a natureza de Deus" é, ao mesmo tempo, uma honra e um desafio que não devem ser tomados levemente.

O uso da palavra era e será algo sagrado. Empregada conscientemente e de forma ajustada, a vibração de uma palavra tem poder. Hoje, infelizmente, é deplorável o abuso nesse campo.

Deus é Inominado. Quando Moisés recebeu a revelação e a missão na "montanha", sabendo que tinha de enfrentar pessoas comuns que só conhecem a forma e o nome, perguntou: "Senhor, se me perguntarem quem foi que me enviou, que direi?" E o Senhor respondeu-lhe: " Diz-lhes que foi o "EU SOU".

Basta ser. Eis a mais expressiva conjugação: "eu sou, tu és, nós somos...espíritos. Simplesmente.

Mas o mundo precisa de identificação. Quem nomeou as coisas foi Adão. É um esforço de isolar o que parece isolado.

Não devemos confundir a realidade espiritual com um conceito mortal. Dizemos: raios de Sol, porque sabemos que eles continuam unidos à sua Fonte, apesar de terem caminhado 140 milhões e 400 mil quilómetros em 8 minutos, quando chegam à Terra. E nós, não somos também, por acaso, centelhas divinas, uma vez que "em Deus vivemos, nos movemos e temos o nosso ser"?

Não tomemos, pois, levemente, os nomes pelas coisas que representam, principalmente em relação à verdadeira identidade de um semelhante. Em que ele é semelhante a ti? Senão pelo Espírito?.

Ainda mais quando nos referimos a Deus: se a palavra Deus foi tomada para representá-LO (e a palavra "Deus" está ligada à ideia de Luz e Dia : "Deus é Luz"-

João), usemo-la então de forma sagrada , erguendo a nossa mente ao Inomonado, ao Imanente e Transcendente, ao Omnisciente e Omnipresente Criador.

A essência deste mandamento exorta-nos a não tomar a aparência pela realidade. Ainda que surjam as pessoas as coisas e lugares, através do testemunho dos cinco sentidos, sabemos que são meramente expressões provisórias do real e divinamente infinito.

3. COLUNA DA BELEZA

Natal é festa, é nascimento!

Puro sentir, Maria, o coração...

José, lucidez de pensamento.

Espírito-Alma, Alquímica união.

Anjo Gabriel, doce Maternidade,

Yeshua, o Amor livre, a salvação!

Capricornus, imo ser, luminosidade...

Meditar, interiorizar, despertar...

Consagrar, regresso à Fraternidade!

Meio céu, eis *Cancer* a entoar,

Éter criador, fertilidade vivente,

Teu esplendor a Terra vem mudar!

O Amor servir, *Virgo* no Oriente...

Magos Reis, Incenso, Mirra, Ouro...

Fé, Esperança, Amor, *Piscis* a Ocidente!

Persona, desejo, vontade, burro, touro...

Servir, adorar, alegria, o Deus Menino!

Pastor Iniciático, flamejante Tesouro...

Harmonia vibrante, ouve-se doce Hino...

Revelação, pureza, o Cristo Interior,

Adeus Herodes, evolução, peregrino!

Irmãos unidos, glorioso labor.

Na Belém interna, nasce Jesus,

Cânticos, salmos, gratidão e louvor!

Jesus, o Cristo, Veste Áurea Luz.

Batismo e Unção, sagrado Messias.

Elevar, viver, Caminho Rosacruz!

DESM



Presépio artesanal em barro - Foto: GEFRC Fiat Lux

Fontes históricas referem que o primeiro Presépio montado em argila foi em Greccio, no Lácio, Itália por Francisco de Assis, por volta de 1223. Do Latim *Praeseptum*, “estrebria, curral, lugar para guardar animais”, aportuguesado para “Presépio”, manjedoura, alimento, “Casa do Pão”: o pão emergido do trigo dourado do Puro Amor – Jesus Cristo.

4. HISTÓRIAS DO CAMINHO DA ROSA

Véspera de Natal na Floresta

Numa floresta sombria, há muito tempo, vivia uma menina chamada Simonetta. Era muito bonita, muito gentil e muito bondosa. Os que a conheciam diziam que ela deveria ter sido uma princesa, porque ela era linda como as princesas, e fazia tudo da mesma forma que as princesas deveriam fazer.

Mas, Simonetta não era a filha de um rei. Era a filha de um valente caçador, que era conhecido por toda a parte pelas suas façanhas. Todas as manhãs, o valente caçador pendurava a sua aljava ao ombro, apanhava o seu arco, despedia-se de Simonetta com um beijo e partia para o meio da floresta. Ficava todo o dia nos lugares frequentados pelos animais selvagens e todas as noites voltava para casa carregando o que tinha matado.

Mas, embora Simonetta adorasse o seu pai, temia sempre o seu regresso. Ele sempre trazia para casa o corpo de um veado ou coelho, raposa ou esquilo, que tinham sido seus amigos. E isto, porque Simonetta era amiga de todos os animais. E os animais da floresta amavam-na tanto quanto temiam o seu pai.

Todas as manhãs, depois que o valente caçador saía da sua cabana, os animais saíam de trás das moitas onde tinham ficado escondidos e iam visitar Simonetta. Durante todo o dia, ela cuidava dos que estavam doentes, confortava os que estavam tristes, e participava nos jogos dos que estavam alegres.

Depois, quando o crepúsculo da floresta descia sobre eles, Simonetta dizia:

- Agora vão embora depressa, porque o meu pai não demora a voltar para casa. Fiquem escondidos na floresta até de manhã, depois voltem para mim.

E os animais partiam e não eram mais vistos pelos olhos de mortais até o dia seguinte.

Assim, ia passando o tempo. O valente caçador caçava, e as criaturas da floresta temiam-no como o pior dos inimigos. Simonetta amava os animais e as criaturas da floresta adoravam-na.

Um ano, o inverno chegou mais cedo à Terra. Assim que o chão ficou coberto pelas brilhantes folhas coloridas do outono, estas foram cobertas, por sua vez, por uma camada de neve. Fazia um frio intenso e, à noite, até o valente caçador ficava contente em voltar para o calor de sua lareira.

Os animais também tinham frio e, todas as manhãs, Simonetta acolhia-os na cabana onde eles podiam aquecer-se. Quando aparecia o crepúsculo, o que acontecia mais cedo nesses dias gelados, o seu coração ficava apertado por ter que os mandar para fora, para o ar frio. Mas, ela não se atrevia a deixá-los ficar mais tempo perto da

ladeira, pois a ira do valente caçador seria muito grande se os encontrasse ali ao voltar.

Então, uma manhã, quando o valente caçador estava apanhando as suas armas, Simonetta disse-lhe:

- Paizinho, hoje é véspera de Natal! Por favor, não vás caçar hoje. Por favor, fica em casa e ajuda-me a decorar a nossa árvore.

- Não, filha, eu não posso ficar em casa - respondeu o valente caçador. Preciso arranjar mais peles para vender e mais carne para defumar e armazenar. Tu podes decorar a árvore sozinha. Fazes sempre isso muito bem.

O valente caçador pendurou a sua aljava ao ombro, apanhou o seu arco e encaminhou-se para a porta.

- Pai, Pai, gritou Simonetta, agarrando a sua manga, por favor, não mates nada hoje. Não na véspera do nascimento de Cristo.

- Que tolice é esta, menina? - perguntou impientemente o valente caçador, soltando-se das suas mãos. Nós precisamos de peles para vender e de carne para comer; seja véspera do nascimento de Cristo ou não. Ora, não fiques tão triste. Eu vou matar um veado hoje e vamos ter carne fresca de veado para a nossa festa de Natal.

O valente caçador despediu-se de Simonetta com um beijo e dirigiu-se para a porta.

Simonetta ficou olhando para ele, com as lágrimas escorrendo pelas suas faces.

- Quando voltares Paizinho, eu já não estarei aqui - murmurou.

Mas o valente caçador não ouviu.

Depois, chegaram os animais para se aquecerem na ladeira, como faziam todas as frias manhãs. Simonetta cuidou dos que estavam doentes, tentou confortar os que estavam tristes, mas não participou nos jogos dos que estavam felizes. Disse-lhes que tinha muito trabalho para fazer antes que o seu pai voltasse, mas os animais perceberam que ela estava muito perturbada.

Durante toda a manhã ela limpou, esfregou, remendou e cozinhou, suspirando profundamente durante todo o tempo, e enxugando os olhos com a ponta do avental. Os animais olhavam e ficavam cismando, mas não podiam fazer nada para a animar.

De tarde, Simonetta decorou a árvore com os enfeites que usavam desde que ela era pequenina, antes do tempo que a sua mãe foi para o céu. Pendurou cordões de frutinhas brilhantes e prendeu uma velinha com cuidado na ponta de cada galho. Mas, mesmo enquanto estava fazendo este trabalho, dos mais

agradáveis, Simonetta não sorriu nem cantou. Continuava a suspirar, suspiros fundos, e enxugava os olhos com a ponta do avental.

Depois, Simonetta apanhou um pedaço da casca de uma árvore que estava lá para ser usada como papel e, com uma varinha molhada em sumo de amoras, escreveu:

"Ao meu querido Pai, que eu amo muito. Eu fui-me embora com os animais. Eu não posso mais ficar aqui, tendo que olhar todos os dias para os corpos mortos de criaturas que foram minhas amigas. Por favor, não tentes encontrar-me, pois morar na casa de um caçador é muito duro para eu poder aguentar. Talvez a mãezinha venha do céu para me ajudar. Eu cozi um bolo de Natal que está no forno, remendei a tua camisa que estava rasgada e limpei a casa o mais que eu pude. Um dia irás para o Céu também e, então, vamos poder ficar todos juntos outra vez. A tua filha que te ama, Simonetta."

Colocou o pedaço de casca de árvore sobre a mesa, enrolou o seu xaile mais quente em volta dos ombros, e disse aos animais:

- Venham, vamos embora. O meu pai vai voltar para casa logo, e eu já tenho que estar longe.

- Simonetta, não! - exclamou a raposa, que por fim percebeu o que ela estava fazendo. Está muito frio lá fora e vais ficar gelada. Não estás vestida com peles quentes como nós. Não deves sair de perto da lareira.

- Na verdade, querida raposa, eu preciso sair de perto da lareira, respondeu Simonetta, pois eu não posso morar mais na cabana de um caçador.

- Não há alimento para ti na floresta no inverno, disse o esquilo. Se eu não tivesse armazenado nozes, eu não teria nada para comer.

- Muito bem, bondoso Esquilo, respondeu Simonetta, eu vou levar comida. Eu ainda tenho maçãs aqui e um pouco de sementes de girassol. Mas eu não preciso de muita comida, porque eu acho que a minha mãe virá do céu para me ajudar.

Os outros animais também tentaram convencer Simonetta a não deixar a cabana quentinha, mas ela não queria ouvir. Apanhou algumas maçãs, sementes que colocou num saquinho e foi para a porta.

- Agora venham, disse, está a ficar tarde e temos que nos apressar.

Simonetta afastou-se depressa para a floresta e os animais seguiram-na relutantes.

O veado, o último a sair, pensou em calçar a porta para esta ficar aberta, e assim o vento poderia entrar e apagar o fogo, deixando a cabana fria para quando o valente caçador voltasse. Mas, depois pensou:

- Não, vou deixar que ele fique aquecido, pois o seu lar vai estar bastante desolado nesta Véspera de Natal.

Então, o veado fechou a porta e lançou-se para frente, saltando por cima dos outros animais na sua pressa de alcançar Simonetta.

Estava mesmo muito frio. Simonetta tremia e puxou o xaile apertando-o mais em volta dos ombros. Mas, era como a raposa tinha dito - o calor do seu xaile de tecido não podia ser comparado com o calor das suas peles.

- Depressa, depressa, chamou Simonetta. Ainda estamos muito perto da cabana do meu pai. Temos que entrar mais para dentro da floresta.

Assim foram andando, mais longe, mais longe, enquanto a noite ficava mais escura em volta deles e o ar estalava de tão frio que estava. Depois, por fim, chegaram a um lugar onde só o veado e a raposa tinham estado antes.

Nem Simonetta conhecia, pois ficava na parte mais densa da floresta, escondida do resto do mundo.

No verão, era um bosque com relva, sombreado por árvores gigantescas e cercado de samambaias. Em épocas muito distantes, rochas enormes ficaram alinhadas formando um círculo, dentro do qual estava agora o bosque. Se isto tinha sido feito por uma raça de gigantes ou pelo próprio Deus, ninguém que agora vivia na Terra podia dizer. Foi aqui, então, que Simonetta e os animais se abrigaram, protegidos do vento pelas rochas em círculo.

- É aqui que eu vou esperar a minha mãe vir do Céu, disse Simonetta. O meu pai não vai encontrar-me aqui, pois, se ele conhecesse este lugar, com certeza ter-me-ia falado dele.

Sorriu para os animais que olhavam para ela ansiosamente.

- Obrigada por terem-me acompanhado tão longe, queridos amigos, disse. Eu teria ficado com medo na floresta escura se vocês não estivessem comigo, mas aqui eu não tenho medo. É um bom lugar.

Olhou para cima, através de uma abertura nos galhos, e bem lá em cima, uma estrela brilhante lançava a sua luz sobre eles.

- Acho que este lugar é sagrado, murmurou. Eu estarei em segurança aqui. Vão para as vossas casas agora, pois vocês devem estar muito cansados. E lembrem-se que eu amo todos vocês.

- Não, Simonetta, disse o quati, nós não vamos deixar-te sozinha. Enquanto estiveres na floresta, nós seremos os teus companheiros. Nós vamos esperar contigo, a chegada da tua mãe.

E, por mais que tentasse Simonetta, não conseguiu convencê-los a irem embora. Por fim, ela disse:

- Meus melhores amigos, obrigada por ficarem comigo. Talvez seja melhor ficarmos juntos, pois é Véspera de Natal, a noite em que é derramado sobre a Terra, pelo nosso Pai do Céu, amor suficiente para durar o ano inteiro.

Então, o quati enrolou a sua cauda em volta dos pés dela para os aquecer, o coelho e o esquilo aninharam-se de cada lado, os dois esquilinhos listados procuraram abrigar-se no bolso da saia dela, e ela encostou-se ao lobo, aquecendo as orelhas na sua pele e contou-lhes a história de Natal.

Ela contou-a muito bem, pois há muito tempo que a sabia de cor, e até o veado e a raposa, que já a tinham ouvido, ficaram maravilhados com a sublime dádiva de Vida e Amor que o Senhor Deus tinha dado à Sua Terra.

- E esta é a noite em que Cristo volta à Terra? - perguntou o esquilinho listado que, esquecendo-se do frio, saiu do bolso para ouvir melhor.

- É esta a noite, disse Simonetta sorrindo para ele. Neste exato momento, a Sua Luz está brilhando em tudo ao nosso redor, e a Terra fria está sendo aquecida com o Seu Amor.

- Não achas que nós devíamos agradecer-Lhe? - Murmurou o coelho que nunca falava muito porque era muito tímido, mas que, às vezes, tinha muito boas ideias.

- Claro que devemos, concordou Simonetta, e uma forma de o fazer é cantar canções de Natal. Vocês sabem alguma canção de Natal?

A raposa conhecia algumas, porque algumas vezes andava nos arredores da vila e uma vez tinha ouvido um grupo de cantores. Mas, para os outros animais, as canções de Natal eram uma coisa estranha, sobre as quais não sabiam nada. Por isso, Simonetta cantou para eles e, pouco a pouco, eles ficaram contagiados e cantaram também. Depressa, todos os animais estavam cantando.

Mas, se tu estivesses estado lá, e se estivesses ouvido com os ouvidos da Terra, terias ouvido o lobo uivar, o coiote ladrar para a Lua, o esquilo chilrear, e uma miscelânea de outros sons que não pareciam de forma alguma, canções de Natal. Mas, se estivesses a ouvir com os ouvidos do céu, terias ouvido a música mais suave, que vinha dos corações dos que estavam realmente gratos.

- Oh, vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-Lo, Cristo Jesus, diziam todos.

Enquanto isso, o valente caçador tinha regressado à sua cabana, carregando nos ombros um grande veado morto.

- Simonetta! - chamou. Vem ver o que eu trouxe para a nossa festa de Natal.

Colocou o veado no chão, do lado de fora da porta, e esperou que ela viesse recebê-lo como fazia sempre. Mas a porta não se abriu, e um medo frio e inexplicável começou a gelar o seu coração. Abrindo a porta com um empurrão, precipitou-se para dentro da cabana. O fogo crepitava alegremente na lareira, do forno vinha um aroma doce e perfumado do bolo de Natal, o soalho brilhava com a claridade do fogo, e a mesa, tão polida de limpeza, refletia a luz de uma vela solitária. No canto

estava a deslumbrante árvore de Natal e dobrada cuidadosamente no braço da sua cadeira estava a camisa rasgada que ele tinha pedido a Simonetta para costurar. Mas, nem sinal de Simonetta.

Então, o valente caçador viu o recado sobre a mesa. Com o coração batendo descompassado, apanhou-o com as mãos trémulas. Leu-o uma vez e não acreditou nas palavras. Leu uma segunda vez e um terrível lamento, como o grito de um animal ferido, saiu do fundo do seu ser.

Cambaleou até uma cadeira e cobriu o rosto com as mãos, mas não foi a imagem da sua pequena Simonetta que passou ante os seus olhos. Em vez disso, viu a figura de um veado ferido correndo pela floresta para logo cair em agonia. Viu a forma de centenas de criaturas selvagens andando despreocupadas, e, de repente, serem colhidas por flechas certeiras.

Quanto tempo ficou assim, apenas o abençoado Deus que conhece os sofrimentos de todos os homens e que, com infinita compaixão os sente no Seu próprio coração, pode dizer. Quando, ainda com as lágrimas nos olhos, o valente caçador voltou ao presente, o fogo na lareira era apenas uma brasa acesa e um frio como o da morte, enchia a sala.

Mais uma vez, ele gemeu. Depois, caindo de joelhos, juntou as mãos e sussurrou:

- Agora eu sei que fiz muito mal. Agora eu sei que é errado tirar a vida das Vossas criaturas. Estou pronto para expiar as minhas faltas, segundo a Vossa vontade. Mas não deixeis a minha filha pagar por isso, eu Vos peço. Poupei-a. Ajudai-me a encontrá-la.

Ficou assim ajoelhado mais algum tempo e depois, quase sem perceber, os seus membros aqueceram-se e sentiu-se mais forte. Tinha passado através da sombra e saiu purificado. Agora tinha um trabalho a fazer.

O valente caçador levantou-se de um salto. Agarrando um galho resistente da pilha de lenha, encostou-o na brasa até que começou a pegar fogo. Com cuidado, fez a pequena chama aumentar até ficar uma tocha brilhante. Então, apressou-se e saiu para a escuridão.

Com a luz da tocha, o valente caçador pode ver claramente as marcas deixadas pelos animais. Aqui e ali, quase apagadas pelas outras, estavam as pegadas de Simonetta e, vendo-as, tomou novo ânimo.

- Conservai-a aquecida, disse, erguendo os olhos para uma estrela brilhante acima de sua cabeça, Protegei-a. Guiai-me para ela, eu Vos imploro.

Com a tocha era fácil seguir as marcas, e o valente caçador apressou-se, indo cada vez mais para o interior da floresta, onde nunca antes se tinha aventurado. De

repente, no meio de umas árvores distantes, que pareciam levantar-se por detrás de uma parede de rochas, viu um clarão de luz que iluminava todo o céu,

- Um fogo, pensou o valente caçador. Ela acendeu uma fogueira. Ela está aquecida. Graças a Deus.

Mas, quanto mais perto chegava, mais desconfiava que não era o clarão de uma fogueira, a luz era muito fixa, muito branca, muito pura. Depois ouviu sons. Um lobo uivava; um coiote ladrava para a Lua.

- Os animais, murmurou. Se eles a machucaram...

O valente caçador escutou outra vez e ouviu, não uivos ou latidos, mas a música mais suave que nunca imaginou fosse possível ouvir-se. As palavras eram claras!

- Oh, vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-Lo, oh vamos adorá-a-a-Lo, Cristo Jesus.

O valente caçador espetou a tocha num montículo de neve onde ela ficou firme. Cautelosamente deslocou-se para frente na direção do clarão. Rodeou a parede de rocha até chegar a uma abertura e ficou estarecido com o que seus olhos viram.

Simonetta estava confiantemente encostada num lobo, cujos olhos eram vigilantes e protetores. Toda a espécie de criaturas da floresta, grandes e pequenas, se aglomeravam em volta dela. Eles estavam cantando.

Depois, o valente caçador viu algo mais. Uma figura - humana na aparência - flutuante, pairava sobre Simonetta, projetando sobre ela e sobre os animais, ondas e mais ondas de uma luz branca e pura. Enquanto o valente caçador contemplava pasmado a figura, ela - pois era feminina - voltou-se para ele que ficou assombrado. Ela era aquela que um dia ele tinha amado e que lhe tinha sido familiar e cuja presença carinhosa era agora apenas uma enternecedora lembrança que amiúde lhe voltava.

O vulto ficou ao seu lado, tocando delicadamente o seu rosto com os dedos. Ele não sentiu o toque, mas foi como se uma brisa quente de primavera tivesse bafejado a sua face. Ela sorriu afetuosamente para ele.

- Minha querida, ele murmurou. És tu?

- Sim, disse a figura. Eu recebi permissão para vos auxiliar esta noite, pois eu sabia que seria necessária.

- Foste tu que guiaste Simonetta para este lugar e a mantiveste em segurança? - perguntou o valente caçador.

A figura concordou.

- Ela viu-te? - continuou perguntando.

- Não - disse o vulto. É melhor que ela não me veja, porque, então, a minha partida seria muito penosa. Mas ela sabe que eu estou perto, e está contente.

- Então - então, tu deves partir outra vez? - perguntou o valente caçador tristemente.

- Assim tem de ser, respondeu a figura, o mais docemente que pode. Um grande privilégio foi-me concedido e eu não me atrevo a abusar. Mas, depois desta noite, nenhum de vocês vai precisar muito de mim, pois tu aprendeste uma grande lição e agora os vossos caminhos vão mudar.

O valente caçador suspirou profundamente.

- Isso foi obra tua também? - perguntou.

- Eu pedi para que os animais mortos te fossem mostrados, respondeu a figura, pois quando o choque da mensagem de Simoneta te atingiu tão profundamente, eu soube que estavas pronto para os teus olhos serem abertos.

Por um longo momento, o valente caçador contemplou a figura que devolveu o seu olhar terno e carinhoso. Depois, ela disse, suavemente:

- Agora, meu bem-amado, eu devo partir. Leva Simonetta para casa. Ela irá de bom grado. E lembra-te das suas palavras. Algum dia, irás para o céu também e, então, vamos poder ficar todos juntos novamente!

Com isso, a figura acariciou o seu rosto mais uma vez e lentamente subiu em direção à brilhante estrela lá no alto. Muito tempo depois dela desaparecer de vista, o clarão branco e puro ainda permanecia naquele lugar.

O valente caçador andou em direção ao grupo:

- Simonetta, chamou-o suavemente.

- Oh, paizinho! - ela exclamou, lançando-se com um salto para os seus braços. A Mãezinha esteve aqui. Eu senti-a. Ela fez tudo o correto para nós.

- Eu sei filha - disse o valente caçador. Eu vi-a.

- Tu viste-a? Simonetta arregalou os olhos. Ela ainda está bonita?

- Mais bonita do que nunca - respondeu ele com simplicidade, com o seu coração muito cheio de emoção para poder falar mais.

- Estou contente - disse ela, abraçando-o.

- E agora, filha, queres voltar para casa comigo? É muito tarde e este lugar está muito frio.

- Eu vou para casa, disse Simonetta, colocando a sua mão na dele.

- E os teus amigos, disse olhando para os animais, também são bem-vindos.

Eu sei que eles não têm motivos para confiar em mim, mas eu prometo que, desta noite em diante, enquanto eu morar na floresta, nenhum mal que eu possa impedir os atingirá.

Com isso o lobo, que estava observando desconfiado, relaxou. Devagar, foi até o que tinha sido um valente caçador e aconchegou a sua mão livre. Quando o homem acariciou a cabeça do lobo, os outros animais também se aproximaram. Agruparam-se em volta de Simonetta e do seu pai, e acompanharam-nos na sua longa jornada pela floresta.

Quando, por fim, estavam quase chegando a casa, o que tinha sido um valente caçador lembrou-se sobressaltado do veado morto que ele tinha largado na porta da cabana.

- Eu daria qualquer coisa, se eu pudesse impedir Simonetta de ver aquilo.

Desanimado continuou a caminhar, e Simonetta, sentindo a preocupação do seu coração, olhou para ele atentamente.

Mas, quando chegaram à cabana, o corpo do veado tinha desaparecido. Não havia pingos de sangue na neve, nem marcas onde o corpo tinha estado.

Enquanto o que tinha sido um valente caçador meditava sem poder acreditar no que, acontecia, Simonetta largou a sua mão e correu para um animal que se aproximava.

- Ramo, Ramo, ela chamou. Estou tão contente por te ver!

O seu pai olhava espantado e Simonetta colocou os braços em redor do pescoço de um magnífico veado que aparecera diante deles. Era o mesmo animal que tinha sido morto para a festa de Natal.

O veado aceitou os abraços exuberantes de Simonetta, por um momento, mas depois desprendeceu-se delicadamente dos seus braços. Caminhou para o que tinha sido um valente caçador e olhou-o, reconhecendo-o.

- Quase não posso acreditar que tu estás vivo, disse o homem humildemente, mas louvo a Deus por isso.

- Sim, disse o veado, devemos todos louvar a Deus. Ele abrandou o seu coração e Ele restituiu-me a vida que me foi tirada. Que as Suas bênçãos fiquem com todos vocês!

E o veado, com um salto prodigioso, desapareceu na escuridão.

Depois Simonetta, o seu pai e os seus amigos animais entraram na cabana onde, milagrosamente, o fogo na lareira estava outra vez crepitando e um calor agradável enchia a sala. Nessa noite, e em muitas outras noites que se seguiram, enquanto Simonetta e o que tinha sido um valente caçador dormiam nas suas camas quentinhas, os animais dormiam, seguros e sem serem incomodados, diante de um fogo acolhedor.

(do Livro Histórias da Era Aquariana para as Crianças
– Vol. VII – Fraternidade Rosacruz)

5. ÉTICA PARA A ERA DE AQUÁRIO

ÉTICA PARA A ERA DE AQUÁRIO

“O meu filho não quer comer carne...”

O dia-a-dia de cada um de nós vai-se revelando de uma enorme riqueza, cheio de ocasiões fantásticas de reflexão e de crescimento, verdadeiras oportunidades para nos colocarmos em causa e nos tornarmos pessoas melhores. Porém, nem sempre é fácil reconhecermos estas pérolas... Exceto quando vários acontecimentos vão apontando persistentemente na mesma direção.

Ultimamente, várias pessoas que me procuram para consulta médica me têm revelado que não comem carne ou que são vegetarianas. Muito a medo... Só depois de ativamente questionadas...

Foi o caso daquele senhor de 89 anos, muito lúcido, falador e de brilhantes olhos muito azuis que não come carne há mais de 60 anos. “Doutora, sinto-me bem! Só as pernas é que já me pesam... De resto, sou um moço de 20 anos!”, diz a sorrir. E da senhora de 58 anos, muito ativa profissionalmente, mãe de família e que é vegetariana há mais de 20 anos. “Tinha receio que a Doutora me dissesse que eu estava a fazer mal à minha saúde. Mas eu acho que não, que quando comia carne e peixe não tinha tanta energia, apesar de ser mais nova.” Ou ainda da jovem de 19 anos, estudante de psicologia, que, envergonhada, me veio dizer que já não consegue comer animais mas que desde há vários anos se forçava a isso. “Pensava que não poderia sobreviver se assim não fizesse, que ficaria doente. Nunca me tinham dito que haviam outras opções.” Por diferentes motivos, todos eles tinham receio de que as suas escolhas não fossem compreendidas, que fossem sabiamente contrariados no que intuía ser o mais acertado para si.

Porém, é no caso das crianças que isto mais acontece.

Tenho assistido a muitos pais que vêm à consulta médica extremamente preocupados com as escolhas alimentares dos filhos. E se em 99% dos casos é porque os filhos rejeitam a sopa ou só querem comer fritos ou guloseimas, em alguns casos é porque as crianças não querem comer carne ou mesmo também peixe. Como a mãe de uma jovem de 14 anos, preocupada porque a filha deixou de comer carne e peixe e nada a demove. “E agora o que é que eu cozinho para ela? Será que vai ter problemas na aprendizagem?” Mas o caso mais marcante foi o de um rapazinho de 4 anos que rejeita totalmente a carne, mesmo quando a mãe tenta dar-lha de modo dissimulado. “Pus a carne bem triturada



na sopa. Nem se dava por ela. Ele não a quis. Muito tranquilo, falou-me dos bichinhos que morriam por causa dele. O que é que eu faço? Ele é muito pequeno...” Apesar de muito novo, este rapazinho não consegue ignorar a sua consciência provavelmente formada em vidas anteriores e que lhe incute este respeito pelos animais e a vontade de que não sofram para seu prazer.

Entre os vários motivos para adotar o vegetarianismo ou o veganismo estão, mais comumente, o conhecimento de ser uma opção mais saudável (quando planificada de modo equilibrado) mas também mais amiga do ambiente. O respeito pelos animais e, mais raramente, a consciência espiritual destes serem nossos irmãos mais novos em evolução também são, cada vez mais, razão para esta opção alimentar.

De facto, estamos a assistir, lenta mas inexoravelmente, a uma mudança de



comportamentos a este nível. E se a mudança se vai fazendo pessoa a pessoa, segundo o desenvolvimento da consciência individual, podemos ver com satisfação as mudanças que também vão acontecendo na consciência coletiva e nos organismos oficiais. Desde 2015 que a Direção-Geral da Saúde, organismo do Ministério da Saúde, vem emitindo documentos que encorajam



a opção por uma alimentação vegetariana e que estão a tornar-se uma ferramenta muito útil para a planificação de uma alimentação equilibrada. É o caso do manual “Linhas de Orientação para uma Alimentação Vegetariana Saudável” (disponível online em PDF no link <https://nutrimento.pt/activeapp/wp-content/uploads/2015/07/Linhas-de-Orientação-para-uma-Alimentação-Vegetariana-Saudável.pdf>) que permite compreender muito bem os desafios nutricionais dos vários regimes alimentares sem carne e peixe e os modos de lhes fazer face. Também desde 2016, vários documentos têm sido emitidos pelo mesmo organismo visando a alimentação vegetariana nas crianças. É o caso do manual “Alimentação Vegetariana em Idade Escolar” (disponível online em PDF no link <https://nutrimento.pt/activeapp/wp-content/uploads/2016/04/Alimentação-Vegetariana-em-Idade-Escolar-.pdf>) e de vários outros destinados a orientar a elaboração de ementas vegetarianas nas cantinas escolares, já implementadas em muitas das escolas do país.

Efetivamente, a mudança está aí, já está a acontecer! Vai tomando forma, vai ganhando espaço. Pouco a pouco, como sempre. Passo a passo, felizmente. Possamos cada um de nós fazer parte dela!

Boas ementas a todos! ☺

SC

6. ESPAÇO DE REFLEXÃO



MATERNIDADE

Apesar das tentativas em menosprezar a maternidade e caracterizá-la como algo enfadonho, esta quando analisada sob a luz dos ensinamentos espirituais, é um dos atos mais nobres a que uma mulher pode aspirar além de ser um dos mais importantes a que possa submeter-se. As responsabilidades e privilégios da maternidade, se encarada com reverência e seriedade, pode ser uma das experiências mais gratificantes no plano físico, além de proporcionar grande crescimento anímico.

A mãe providencia o veículo inicial que irá ser utilizado pelo Ego que está a caminho do renascimento. Ela, mais do que qualquer outra pessoa, está em condição de determinar o ambiente no qual a criança crescerá e as influências a que estará sujeita durante os seus anos de desenvolvimento. Os veículos em formação da criança desenvolver-se-ão de acordo com o tratamento e as atitudes que a mãe teve para com os seus próprios veículos físico, mental e emocional.

Sob a luz dos ensinamentos ocultos, tentativas de conceber somente devem ser feitas quando as linhas de forças planetárias estão favoráveis. A energia criadora deve ser canalizada para a atividade mental, jamais utilizada para se obter prazer. Do ponto de vista astrológico, existem duas condições importantes a serem consideradas se desejamos que um Ego renasça sob condições harmoniosas. Em primeiro lugar os pais devem possuir afinidades, e em segundo a concepção deve ocorrer quando as forças planetárias estiverem em relação harmoniosa indicada no horóscopo dos pais. Por "relação harmoniosa", não queremos dizer presença de trígonos e sextis, mas também equilíbrio entre as dissonâncias.

Apesar de ser verdade que a queda do homem teve como causa a má utilização do ato criador, não devemos esperar que este ato seja retificado somente

pela conceção sob condições planetárias favoráveis. A humanidade tem-se desenvolvido consideravelmente desde aquela época, sendo que as necessidades do homem moderno são maiores.

Existe uma verdade na astrologia que infelizmente é ignorada por muitas pessoas, um horóscopo não pode prometer mais do que é inerente à sua natureza. Consequentemente devemos perguntar-nos: qual é o valor de verificarmos condições planetárias favoráveis se ao mesmo tempo não avaliamos o nosso estado ou desenvolvimento físico, mental e espiritual? Se tais atributos são pobres, independente da natureza das condições planetárias, os resultados não são satisfatórios.

Dessa forma se desejamos conceber crianças saudáveis, não devemos olhar somente para as condições planetárias, mas também purificarmo-nos o melhor que pudermos. Assim, quando as condições internas indicadas pelas posições planetárias forem favoráveis, podemos esperar a conceção de Egos qualificados.

Como a maior parte da humanidade não alcançou um estágio evolutivo considerável, é óbvio que uma vida de celibato é algo difícil de se esperar. Como consequência, a maioria das crianças continua sendo concebida em momentos indevidos. Uma vez ocorrida a conceção - deliberadamente ou não - a primeira obrigação dos pais é para com a criança. Ambos são responsáveis pelo Ego que está a caminho do renascimento.

Conveniente ou não os pais devem procurar desempenhar tal tarefa da melhor maneira possível, não somente por causa do Ego que está para renascer, mas também pelo seu próprio futuro. A leviandade com a qual a gravidez é muitas vezes interrompida, por conveniência, é repreensível, e os envolvidos incorrerão em pesados débitos do destino.

A síntese da maternidade encontra-se em Maria, a mãe de Jesus. No Cristianismo Ortodoxo, ela é reverenciada como uma Virgem Imaculada de pureza inviolável. O Cristianismo Esotérico também a reverencia pela sua pureza e espiritualidade, porém relata que a "conceção imaculada" refere-se ao facto de que Maria e José, dois seres dos mais avançados da raça humana, foram capazes de realizar o ato criador sem paixão, somente com o propósito de fazer com que um Ego conhecido como Jesus, encarnasse na Terra. Jesus cuja missão era desenvolver o seu veículo físico para ser usado por Cristo, foi sem dúvida o ser humano mais puro e desenvolvido espiritualmente. A sua mãe também teve que se purificar, pois somente assim seria capaz de gerar um ser tão nobre.

Assim sendo, uma vida pura, vivida sob os ditames da Lei Natural, é a melhor preparação para a maternidade. Quanto mais experiência a mãe adquire ao procurar dar o melhor tratamento possível aos seus veículos, mais capaz ela será de trabalhar com a criança. Certamente, não importa que direção a vida tenha tido nos anos

anteriores à concepção; tão logo uma mulher tome consciência de que está grávida, é da sua responsabilidade esforçar-se para ter bons pensamentos e praticar atos que beneficiem o seu futuro filho.

Hábitos Nocivos

Estudos científicos têm revelado que os maus hábitos como fumar, beber e utilizar drogas, causam danos consideráveis ao feto em desenvolvimento. Felizmente a ciência material está a ajudar a convencer as mulheres que desejam ser mães, a mudar os seus comportamentos. Parece que o bom senso é o suficiente para mostrar que esses hábitos são perigosos tanto para o feto quanto para a mãe.

O mesmo se aplica aos alimentos que a mãe consome, particularmente no período da gestação. Uma dieta rica em nutrientes ajuda a realizar o seu trabalho de forma eficaz, além de fornecer um melhor material para a construção dos veículos do Ego que está a caminho. Ao contrário, uma dieta pobre formada basicamente de produtos refinados, doces, carnes e outros elementos nocivos, prejudica ambos os egos.

Ambiente Harmonioso

Igualmente importante são os pensamentos que a mãe dirige para a criança. O tempo de retorno à terra é particularmente difícil para um Ego. Ele deixa a segurança e a harmonia do mundo espiritual e retorna ao tumultuoso e doloroso mundo físico. Não importa quanto ansioso esteja por vivenciar as experiências terrestres; o "envolver-se na matéria" não pode ser indeciso. Qualquer ajuda que o Ego receba nesse momento, que o faça sentir-se amado e desejado, será de um valor incalculável. Se ele sente que a família em que irá nascer e particularmente os seus pais, estão preparados para o receber de braços abertos, as vicissitudes da vida futura tendem a tornar-se mais amenas. Talvez até, seja mais verídico para um Ego que está para renascer do que para aquele que tenha estado de algum modo preso à terra, que a presença do amor diminua o peso do destino, enquanto que a sua ausência aumenta até mesmo os aborrecimentos mais triviais. Importante também é a atmosfera em que a mãe se situa. Se a sua vida em casa é calma, se ela é rodeada de amor e carinho pelo marido e família, se dá valor às questões espirituais, se aprecia a boa música, a natureza, leituras elevadas, etc., tudo isto se refletirá não somente no seu estado mental, como também na criança que traz dentro de si. Desarmonia, imoralidade e atividades de gosto questionáveis, penetram na consciência da mãe e perturbam não só a sua serenidade, como também a da criança.

O Ego e as Leis

A Ciência Oculta evidencia que tanto a Lei da Consequência quanto a Lei da Atração, determinam o lugar em que o Ego irá renascer, assim como a família e o ambiente em que irá viver. Relacionamentos inimigos em vidas passadas perduram até o momento em que estes sejam solucionados com amor. Isso explica os antagonismos tão comuns entre membros de uma família. Às vezes há o antagonismo entre mãe e filho, desde o começo. Esse é o caso de dois egos que estão tendo a oportunidade de reconciliarem-se. Tal situação requer sabedoria e boa vontade por parte da mãe, sentimentos que se refletem na criança que ela educa. Por outro lado, relações harmoniosas entre membros de uma família, são o resultado da boa conduta que os envolvidos tiveram em vidas passadas.

A Lei da Consequência irá determinar de que forma o Ego que está para renascer irá viver. A falta de cuidado que teve com os seus veículos em vidas passadas resulta em veículos fracos na atual existência. Os débitos do destino indicam que o Ego irá ser privado de algo. As leis naturais não podem ser infringidas e as lições têm que ser aprendidas, muitas vezes sem a ajuda da mãe, que se verá impossibilitada de aliviar o sofrimento que a criança tem que enfrentar. Se, o Ego tem que passar a sua existência num veículo debilitado, a mãe tem a prerrogativa e até mesmo o dever de ensinar-lhe as regras de higiene e alimentação, que o capacitarão a utilizar da melhor maneira possível o veículo que possui atualmente. Os pais podem não dispor de recursos materiais suficientes para oferecer à criança, porém devem doar-se, transmitindo-lhe amor e confiança. Agindo dessa forma, estarão moldando a criança com os mais elevados padrões morais, além de fazer com que se torne um ser humano auto suficiente e confiável.

A Astrologia como um recurso

Uma vez que a criança nasceu, convém que a mãe verifique o seu tema natal o quanto antes. Será bom que procure adquirir conhecimentos suficientes de astrologia com o fim de que possa interpretar o tema. Caso contrário, a interpretação do horóscopo da criança, feita por um astrólogo espiritual qualificado, poderá ser devidamente estudada.

As configurações planetárias no momento em que a criança respira pela primeira vez, revelam as debilidades ou fortalezas com que o Ego está retornando à terra, características que são determinadas conforme os atos praticados nas últimas existências. Conhecendo os pontos fortes e fracos a que a sua criança está sujeita, a

mãe deve orientá-la devidamente nos seus primeiros anos de vida com o fim de que o Ego evolua. Caso perceba que a criança é propensa à indulgência sensual, ênfase na moderação é fator importante. Porém se tende a ser hostil para com os demais, a mãe poderá fazer com que a criança conviva com os seus amigos, auxiliando-os quando necessário. Se há uma inclinação para a supremacia material ou prestígio intelectual, deve-se procurar explicar à criança a sua natureza espiritual, sendo que tal entendimento é de extrema importância.

Educação

Cabe lembrar que os conhecimentos adquiridos pelas crianças nos planos superiores ainda estão latentes e que o ceticismo, cinismo e ilusão do mundo físico são ainda desconhecidos. Uma educação baseada nos conhecimentos da filosofia cristã esotérica, será de incomensurável valor, fazendo com que as crianças se tornem adultos capazes de conduzir as suas próprias vidas. Os preceitos básicos da Filosofia Rosacruz e particularmente o conceito de Fraternidade Universal e Amor podem ser ministrados desde a mais tenra idade.

Como as crianças não são críticas, mas muito imitativas, as atitudes e hábitos dos que estão próximos, em particular da mãe, exercem nelas uma influência considerável. Assim sendo, a mãe deve ser cuidadosa a respeito da sua própria expressão, mesmo quando perceba que a criança não a está observando. Não deve ter medo de expor as suas experiências de vida, procurando sempre demonstrar confiança e otimismo frente à criança. Também deve esforçar-se por viver uma vida de pureza, procurando transmutar os impulsos da sua natureza inferior.

É óbvio que a paciência é um fator de extrema importância a cultivar, caso a mãe ainda não a tenha adotado. Até no ambiente familiar mais afável, os problemas para manter uma casa, uma família, cuidar dos filhos, etc., stressam a mulher. Porém é nessa hora, que o seu desenvolvimento e compreensão a ajudam, pois, as forças superiores estão sempre prontas para auxiliar a quem pede orientação e proteção.

O desenvolvimento dos veículos

O corpo físico da criança desenvolve-se principalmente nos primeiros sete anos de vida, sendo que nesse período a criança é muito curiosa. A mãe pode canalizar esta energia de modo que contribua para o desenvolvimento da criança, bem como para o seu futuro autocontrole e autoconfiança. É certo que é difícil ser razoável com a criança nessa idade; caso não responda favoravelmente às sugestões de comportamento alternativo, a disciplina faz-se necessária, sendo muito mais eficiente

do que dizer muitos "nãos". O tipo de disciplina que a mãe dá à criança, mais uma vez, demonstra o seu nível de desenvolvimento. O castigo corporal, a ira, etc., servem apenas para reprimir emoções ou reforçar o senso de superioridade sobre a criança.

O efeito é totalmente negativo. Se a disciplina se faz necessária, a negação de favores e a não concessão de privilégios, torna-se mais eficiente. Tal política irá consciencializar a criança a respeito da sua conduta, não havendo assim a necessidade de punição física. Outra responsabilidade da mãe durante esse período é submeter a criança ao som e ritmo da boa música. Tudo o que existe no Universo é criação do Mundo Cósmico. Apesar de não podermos ouvir a música das esferas, podemos trabalhar os corpos da criança através da música terrena. As cantigas de ninar possuem um ritmo maravilhoso. Quanto mais uma criança aprende a falar e a cantar, e quanto mais música é incorporada ao seu dia a dia, mais fortes e sadios serão os seus veículos nos anos futuros. Crianças com menos de 14 anos, ainda são uma parte dos seus pais, pois na Glândula Timo está armazenada a essência do sangue dos pais, que a criança utiliza para gerar o seu próprio sangue no período da infância. A Glândula Timo é maior antes do nascimento, diminuindo à medida que a criança cresce. Por volta dos 14 anos o Ego já está apto a gerar o seu próprio sangue. Aqui começa a ter identidade própria.

A Visão Etérica

É uma pena que a maioria das mães atualmente, não possuam habilidade e nem condições de entender as brincadeiras das suas crianças com os seus "amigos invisíveis". É muito comum as crianças terem visões etéricas, verem fadas e anjos e insistirem que o seu companheiro invisível as acompanham. Elas não estão inventando histórias. "Amigos invisíveis" são entidades reais e fazem parte das brincadeiras das crianças. A mãe que é compreensível, entende isso, mesmo não estando consciente da presença de tais entidades. A imaginação ocupa um lugar importante na vida da criança. Da imaginação surge a criatividade, e sem imaginação uma vida criativa não é possível. A mãe que permite que a criança passe horas em frente de uma televisão, que lhe oferece uma grande quantidade de brinquedos sem lhe dar oportunidades de criar as suas próprias brincadeiras, está fazendo com que a criança não adquira capacidade suficiente para lidar com os problemas que venham a ocorrer no futuro. Mães que incentivam a criatividade nos seus filhos, jamais ouvem deles frases do tipo: "estou aborrecido" ou "não tenho nada para fazer".

A Segurança do Amor

Em tudo o que a mãe faça, o objetivo principal deve ser o amor, a compaixão e a compreensão, o que com certeza será muito benéfico para a criança em formação. Não é fácil ser-se criança. As restrições perseguem-na e tudo parece estar contra ela. Existem mais coisas que precisam ser disputadas e aprendidas do que aquelas que ofereçam satisfação. Logo que tenha a certeza de que está segura no amor materno, a paciência e a compreensão tornarão o processo educativo da criança muito mais fácil, além de transmitir-lhe autoconfiança que será de grande valor nos anos posteriores.

Fraternidade Rosacruz
Sede Central – São Paulo

7. AGENDA

Agenda para o mês de novembro 2018

- dia 10 Serviço Devocional / Grupo de Estudos Fiat Lux
- dia 12 - 21:30 Leituras Rosacruz: "A Estrela de Belém: um facto místico" – Conferência XVI de Max Heindel.
- dia 19 - 21:15 Tertúlias Rosacruz
- dia 25 - 10:30 Serviço Devocional / Grupo de Estudos Fiat Lux

DATAS DE CURA

5 - 11 - 19 - 26

MEDITAÇÃO PARA A PAZ

7 - 17 - 26

Agenda para o mês de dezembro 2018

- dia 03 - 21:30 Leituras Rosacruz: "O Mistério do Santo Graal" – Conferência XVII de Max Heindel.
- dia 8 - 14:00 Conferência Natal: "O Natal na Tradição Rosacruz"
- dia 9 - 10:30 Serviço Devocional / Grupo de Estudos Fiat Lux (Faro)
- dia 15 Ceia de Natal
- dia 17 - 21:15 Tertúlias Rosacruz
- dia 20 - 21:30 Solstício de Inverno

DATAS DE CURA

2 9 - 16 - 23 - 29

MEDITAÇÃO PARA A PAZ

4 - 14 - 23 31

SERVIÇOS SÓ PARA PROBACIONISTAS

Serviços de Lua novembro 2018

Lua Nova 6

Lua Cheia 21

Serviços de Lua dezembro 2018

Lua Nova 5

Lua Cheia 21

Sujeito a alterações. Consulte o nosso site em: <http://frcfiatlux.org>



Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux
Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq
2720-113 Amadora, Portugal
mail: rosacruzfiatlux@gmail.com
tlm: +351 913 072 400
